

SÉRIE TRAJETÓRIAS 2008

Palestrante: Eudóxia de Barros

Local: Rua da Lapa, 120/12º andar

Data: 13 de maio de 2008

Hora: 17:00

Boa tarde a todos e muito obrigada pela presença. Quero agradecer ao Presidente da Academia Brasileira de Música, o compositor Dr. Ricardo Tacuchian, e a toda a Diretoria por esse convite que muito me honrou. Fico muito feliz, embora seja um pouco constrangedor ficar falando de si própria, durante algum tempo. Teria sido mais fácil se fosse à base de entrevista, entretanto, já que não é possível, vamos começar. Vai ser, no mínimo, muito bom para mim e uma excelente psicoterapia.

Torna-se um pouco difícil resumir 64 anos de envolvimento com a música - eu estou com 70 anos e comecei a estudar piano com 6 anos – sem nunca ter interrompido, exceto em férias, que são necessárias. Eu acho que para um artista é muito importante, não necessariamente, que nasça numa família de artistas, mas que as pessoas da família tenham muita compreensão, que deem muito apoio, muito incentivo, pois foi exatamente isso que eu recebi da minha família. Por mais que eu estudasse - eu era de varar o dia estudando, de dez a doze horas por dia às vezes, inclusive sábados e domingos - a minha família nunca reclamou e isso foi muito bom para mim.

A minha família foi formada por meu pai e minha mãe. Meu pai era uma pessoa muito rígida, ele era muito severo, o tipo do machista daquele tempo e minha mãe era muito doce. Acho que peguei metade de um e metade do outro; conforme o momento, sou de um jeito ou sou de outro. Meu pai era cheio de energia, com extrema vitalidade e para mim foi benéfico ter puxado isso dele. Havia, também, a minha tia, de quem eu herdei o mesmo nome, Eudóxia. Eu era Eudóxia de Campos Barros, antes do casamento, e a partir do momento em que comecei a tocar, seria um nome muito longo, então foi reduzido para “de Barros”, somente, e assim ficou exatamente o mesmo nome da minha tia. Havia, também, a minha avó paterna, uma irmã um pouco mais velha do que eu, enfim, empregada e, no mínimo, sempre dois ou três cachorros – eu sempre adorei animais, mas isso não vem muito ao caso.

Gostaria de dizer, também, que a minha família era classe média, verdadeiramente média, não classe média alta, então houve algumas dificuldades no decorrer da minha infância, mas eu considero que o principal legado que eles me deixaram não foi dinheiro, mas certos valores morais que me foram muito úteis no decorrer da vida, como por exemplo, não sentir inveja de ninguém, pois cada um tem o seu destino; não ter nenhum preconceito; sempre valorizar o seu semelhante, e sempre que for possível ajudar seu semelhante, desde que não se prejudique, e nada de soberba, mas cultivar a simplicidade em tudo; ser autêntica, enfim, ser si própria diante da vulnerabilidade do ser humano. Foi isso que procurei manter sempre. Eu já tinha isso em grande potência por causa da parte genética, mas foram ensinamentos que me valeram muito e foram muito preciosos, embora também houvesse ensinamentos de nunca levar desaforos para casa e esse conselho eu tive que seguir várias vezes, adquirindo o conceito de ser uma pessoa muito temperamental, o que não é verdade! Apenas, simplesmente, eu reagia, pois se eu brigava é porque eu tinha razão. Digo isso

apenas para me definir. Foram valores que me foram muito válidos em todo tempo no decorrer da minha carreira.

Meus pais não eram musicistas, eram apenas pessoas muito musicais. Meu pai tocava violão, de ouvido, e minha mãe havia tido rudimentos de piano na sua infância, mas a pianista da família era a minha avó paterna que estudava piano regularmente, todo dia. Não era raro que ela permitisse que, tanto minha irmã como eu, entrássemos na saleta, para ouvi-la estudar e era uma delícia. Eu me fascinava com a música. Era música popular, música clássica, enfim, era muito divertido. Depois que ela saía, tanto minha irmã como eu íamos lá para o teclado para tirar de ouvido aquelas melodias que a gente ouvia no rádio. Tocávamos melodias de música clássica - havia muito programa de música erudita nessa época em São Paulo - como também de música popular. Eu me lembro que eu era fanática por aquele sambista Caco Velho, pois sempre a música brasileira mexia comigo. Assim foi toda a minha infância.

O meu interesse foi tão grande que meu pai achou que seria bastante conveniente que aprendêssemos um pouco de piano – não para sermos profissionais da música, mas apenas como complemento de cultura. Então, quem chamar como professor? Indagando daqui e dali, soubemos de uma professora do bairro. Era uma senhora que provinha de Porto Alegre, residindo há muito tempo em São Paulo. Seu nome era Mathilde Frediani. Ela vinha uma vez por semana à nossa casa para dar as aulas e nunca me esqueço de que o primeiro dia de aula foi no dia 3 de março de 1944.

O meu desenvolvimento e o da minha irmã - embora fosse um pouco menor do que o meu, por ela não ter tanto gosto pela música como eu - foram muito rápidos. Eu ficava fascinada por todas aquelas músicas e com a capacidade que a gente tinha de ler uma partitura e poder tirar tantos sons maravilhosos. Pouco a pouco fui adquirindo um grande repertório. Eu estudava muito e lembro que houve uma fase na minha infância em que eu não conseguia mais dormir. Eu tive uma tremenda de uma insônia com aqueles sons todos embaralhando na minha cabeça. Dei um pouco de trabalho. Então, houve uma grande fiscalização para eu não estudar tanto.

A minha primeira apresentação foi com a chegada dos pracinhas brasileiros, em 1945, depois da Segunda Guerra, no Ginásio Stafford, que era um importante colégio da época, em São Paulo. A minha tia Eudóxia era diretora desse colégio e lá foi organizado um grande banquete em homenagem aos pracinhas brasileiros e lá fomos nós, minha irmã e eu, para tocarmos algumas músicas. Eu fiquei muito impressionada. Toquei naquele dia, entre outras, a *Dança do Fogo* de Manuel De Falla, já com sete anos e pouco, e também a *Marcha Turca*, de Mozart, alguma coisa a quatro mãos, eu não me lembro muito bem do programa todo. Mas eu saí de lá muito impressionada porque não foi fácil ver aqueles soldados tão jovens, alguns mutilados, outros com gesso na perna, braço quebrado, ferimento na testa, enfim, foi um espetáculo muito triste. Aquilo me impressionou muito, durante muito tempo.

A minha professora foi muito especial. A sua principal qualidade foi a honestidade profissional. Depois de certo tempo – quase dois anos de ensino – ela teve o bom senso de dizer para o meu pai que nós tínhamos muito talento e que tudo o que ela sabia já havia sido transmitido. Ela disse que

seria interessante que o meu pai contratasse um professor ou uma professora melhor do que ela. Ela foi super honesta.

Quem chamar para ser professor? Havia uma amiga da família, a professora Nena Peres que, aliás, vive ainda – está velhinha com noventa e tantos anos – e é nossa amiga até hoje. Ela conhecia um professor alemão, que era o professor Karl Heim que também era compositor e tinha sido aluno de Kempff. Ele era uma pessoa super importante e disse que absolutamente não ia à casa de aluno, que não costumava ir e além do mais que nós morávamos longe – morávamos na zona norte de São Paulo – e que não ia porque não ia, que estava cheio de afazeres, enfim, que absolutamente não lhe interessava; mas tanto essa minha amiga fez que conseguiu que, pelo menos, ele fosse até à nossa casa para nos ouvir tocar. Ele apareceu lá e fez uma série de testes. Ele estava fazendo de tudo para poder dizer “não”. Ele fez perguntas sobre teoria, fez solfejo, e disse: - toque isso, toque aquilo. Uma escala, um arpejo, várias tonalidades, enfim, o teste de ouvido para ver se a gente tinha ouvido absoluto. Eu tinha, mas a minha irmã não. Era aquela tal história de colocar a gente de frente para a janela, olhando para a rua e ele atrás tocando. Eu me lembro de que até quatro notas eu conseguia distinguir o som. Houve também o teste de leitura à primeira vista que foi a *Dança Húngara nº5*, de Brahms, e eu dei conta. A coisa estava indo muito bem até que no fim ele se rendeu dizendo que realmente valeria a pena ir à nossa casa uma vez por semana e assim foi. Foi um estudo realmente muito bom na parte musical, mas na parte técnica ele simplesmente dava inúmeros exercícios de técnica, e estudos muito bons de Moskowsky e Cramer também, porém era tudo sem muita explicação, um pouco à deriva, mas na parte musical ajudou bastante.

Minha primeira apresentação com orquestra foi aos treze anos. Foi meu professor que arrumou esse concerto para tocar com o maestro Armando Bellardi, na Rádio Gazeta. Eu toquei, então, o *Concerto nº1* de Mendelssohn. Em seguida, em 1953, eu participei de um concurso para ser solista da Orquestra Sinfônica Brasileira, naquela série dos “Concertos para a Juventude”, do maestro Eleazar de Carvalho, pegando o quarto lugar, apresentando já uma música brasileira que foi difícilíssima, *Concerto nº1*, de Villa-Lobos. Eu teria de tocar em São Paulo, mas Eleazar de Carvalho, sabendo da existência dessa mocinha que se interessou por música brasileira e logo por Villa-Lobos, com aquele concerto difícilíssimo - eu tinha quinze para dezesseis anos - me convidou para tocar aqui no Rio. Então, aconteceu um fato interessante, que depois eu fiquei com muita raiva dele - porque isso não se faz. Houve um ensaio muito do mixuruca, muito às pressas e justo com esse concerto de Villa-Lobos. Havia um concurso aqui no Rio, do qual participava Homero de Magalhães, enfim, e havia primeiro um ensaio com esse pessoal do concurso que ia se apresentar à tarde, depois, a sobra foi para mim. Foi uma passada geral e eu estava apavorada, porque estava dando tudo errado e era um concerto difícilíssimo na parte de concatenação com a orquestra. Então, questioneei sobre o meu outro ensaio, porém o maestro disse para eu ficar tranquila porque aqui no Rio era hábito se fazer um ensaio preliminar diante do público e depois se tocar o concerto.

No domingo, de manhã, no Cine Rex, naqueles “Concertos para a Juventude”, começou o ensaio, entre aspas, e foi indo, indo e ele nada de parar; eu fiquei pensando se parava ou não parava e decidi ir até o fim. Pouco a pouco, quando chegou no terceiro movimento, eu percebi que foi realmente uma mancada. Para que eu não ficasse nervosa, ele veio com essa de que, em primeiro lugar, haveria o ensaio, mas já era o próprio concerto. Ele não deveria ter feito isso, mas tudo bem.

Depois houve a repetição em São Paulo e foi melhor. Eu não vou entrar em detalhes, mas tive uma pequena discussão com ele, que não vem ao caso no momento.

Estudei com o professor Karl Heim durante uns oito anos e muitas vezes ele ia para a Alemanha e eu ficava estudando com o compositor Orestes Farinello. Era ele um italiano, radicado em São Paulo, trabalhava na Rádio Gazeta e muito preparado musicalmente, mas era apenas uma manutenção, para dar certa assistência. Não contribuiu muito na parte pianística, mas sim na musical. Estudei, também, nessa época, em Conservatório, no Instituto Musical de São Paulo, dirigido pelo maestro João Baptista Julião, me formando com quatorze anos; cursei apenas o oitavo e o nono anos. Estudei com o professor Oswaldo de Vincenzo, excelente professor, mas o maestro Julião quis que o nosso professor particular entrasse para o corpo docente do Instituto e, assim, seguimos com o próprio professor Heim. Lá, também, houve um professor que me marcou muito. Ele era um excelente professor de teoria, solfejo. Era o professor Yulo Brandão. Ele era muito, mas muito bom mesmo.

Nessa época, eu já estava começando a frequentar concertos e já era sócia da Sociedade de Cultura Artística e da Pro-arte. Eu não perdia um concerto, era bastante entrosada com o ambiente musical e forçosamente comparecia a muitos concertos de Guiomar Novaes, sobretudo Magdalena Tagliaferro. Não demorou muito para eu me tornar fanática por Magdalena Tagliaferro, sou sua grande admiradora. Participei daqueles cursos de “Alta Interpretação Musical” que ela dava, anualmente, em São Paulo. Ela fez um escândalo louco porque eu toquei a *14ª Rapsódia Húngara*, de Liszt, elogios rasgados, e eu tinha apenas uns dezesseis anos naquela época; então, ouvindo seus conselhos, o jeito de ver a mão dela ao teclado, enfim, eu comecei a sentir que existia alguma coisa que eu precisava conhecer e que o meu professor nunca tinha me falado sobre tudo aquilo: sonoridade e várias observações. Então, me veio aquela vontade louca de estudar com ela e naquele dia em que eu toquei, já falei para o meu pai que eu gostaria de estudar com ela. Foi um drama, pois naquele tempo não era comum deixarmos um professor para estudar com outro. Meu professor Heim ficou muito, muito triste com a troca, mas eu continuei com ele estudando as matérias complementares, harmonia, teoria, etc.

Com Magdalena Tagliaferro foi um trabalho esporádico: quando ela vinha para o Brasil, eu tinha uma ou outra aula, porque as aulas eram caríssimas e nós não tínhamos condição de pagar. Quem realmente me deu a formação na sua escola foi a sua assistente Nellie Braga e quando ela também viajava, tinha aulas com a grande musicista e compositora Lina Pires de Campos, que era bem completa na sua parte técnica, como também, na parte musical, principalmente. Ela foi ótima. Até que veio o convite e a insistência de Magdalena Tagliaferro para me levar a Paris, para estudar com ela, que me conseguiu uma bolsa de estudos do Ministério da Educação e Cultura que demorou um pouco para sair devido à documentação. Finalmente, no início do ano de 1957 eu embarquei junto com Nellie Braga – que ficou lá seis meses. Lá, infelizmente, tudo foi muito complicado para mim. Eu tinha dezenove anos e naquela época, eu era uma menina sem nenhuma experiência de vida, nunca tinha estado sozinha, por isso foi muito difícil, sobretudo, porque eu ainda não dominava a língua estrangeira e o dinheiro do MEC não chegava. Eu havia passado procuração ao marido de Magdalena Tagliaferro, Dr. Victor Konn, e ele não me reembolsava, não mandava o dinheiro. Foi uma época bastante difícil por todos os motivos. Primeiro, sem muito

dinheiro, apenas vivia com cinquenta dólares por ano, que era correspondente a uma bolsa de estudos do Jockey Club Brasileiro de São Paulo. Essa bolsa havia sido conseguida por minha família e foi o que me valeu, mas mesmo assim eu, acostumada a uma família super cumpridora dos seus deveres - nunca devíamos nada a ninguém, sempre fomos muito cheios de escrúpulos em relação aos pagamentos - era obrigada a ficar devendo na pensão e isso foi bastante desagradável. Até que houve uma discussão muito forte, lá em São Paulo, entre o meu pai e o marido de Magdalena Tagliaferro e, a partir daí, eu comecei a sofrer as consequências dessa discussão. Uma perseguição aqui, outra ali, muito desdém. Dizia ela que eu estava feia, muito gorda, que estava tocando mal, enfim, coisas para me destruir, para me deixar bem lá em baixo. Eu já estava bastante incomodada com tudo aquilo, mas não sabia como reagir e, então aconteceu que haveria o Festival de Salzburg, em agosto daquele ano e ela queria que todos os seus alunos de lá fossem participar desse festival. Eu também fui e ela me mandou preparar, em um mês e meio, todo o *Ciclo Brasileiro*, de Villa-Lobos, com músicas bastante difíceis para se estudar em apenas um mês e meio, porem eu estudei e dei conta do recado. Fui para tocar no festival, porque haveria uma audição semanal de cada classe e de cada professor. Quando questionei se iria tocar na primeira semana ela disse que não, que eu deixasse para mais tarde e assim se passaram quatro semanas, quando questionei se já poderia tocar ela me disse que, pensando bem, ela achava melhor deixar para o futuro, alegando que o pessoal de lá odiava música brasileira, e seria melhor não tocar. Foi uma grande decepção e a gota d'água. Quando a gente entrava na Escola Tagliaferro, havia uma espécie de lavagem cerebral, fazendo a gente crer que só o pianista que estudasse na Escola Tagliaferro é que se tornaria um bom pianista. Como eu era mocinha, entrei nessa, mas chegando lá e convivendo numa pensão só de pianistas comecei a abrir os olhos e ver que havia muita gente boa que não estudava com ela e tudo isso foi me dando ideias. Logo que cheguei fui residir numa pensão que pertencia a uma senhora – Mademoiselle Laurens, que por sua vez contava que essa pensão já provinha da sua mãe, já falecida, que recebia muitos pianistas e que naquela época havia recebido dois pianistas brasileiros - Alonso Aníbal da Fonseca, que acabou se casando com a irmã dela, e o pianista Souza Lima, que tinha sido noivo dela e veio embora para o Brasil, casando-se com outra. Percebia-se que ela, até aquela época, embora já com certa idade, ainda sentia bastante saudade do seu noivo. Ela vivia sempre me perguntando quem era a esposa de Souza Lima. Eu tinha pena dela e tudo quanto eu falei para ela a deixou bastante satisfeita. Mulher sempre é mulher.

A minha vida em Paris foi assim. Eu passei bastante tempo nessa pensão. Era uma pensão boa. O dinheiro foi diminuindo cada vez mais e eu passei para uma pensão que era um pensionato de freiras muito miseráveis, com uma comida horrível e eu me debilitei muito lá.

Eu preciso mencionar uma influência importantíssima na minha vida. Logo que eu cheguei a Paris conheci uma pianista maravilhosa, que infelizmente não pôde estar aqui hoje, mas sua irmã está aqui presente, e que foi a Lúcia Dantas. Desde logo ficamos muito amigas e ela sempre me dava conselhos. Ela estava há cinco anos em Paris e tinha sido aluna daquele grande pianista Yves Nat, que por sua vez tinha acabado de falecer e ela estava numa grande depressão por conta disso. Ele havia sido, além de um grande musicista e um grande mestre, também, um grande amigo e um verdadeiro pai para ela. Ela foi me passando vários ensinamentos desse professor, inclusive a minha maneira, que perdura até hoje, de estudar, está de acordo com o que me foi passado pela

Lúcia, que me orientou para quando começar a estudar uma música já ir memorizando, mas antes de memorizar colocar o dedilhado nota por nota, pois esse era o sistema dele. Isso é algo altamente detalhista, mas que para mim foi muito produtivo porque sou uma pessoa organizada e mais organização que isso é impossível. Tudo está sendo visto e nada fica de lado. Quando eu precisei mudar de pensão, a Lúcia também arrumou um lugar nesse novo pensionato e o fato curioso é que a gente comia tão mal lá que nos veio uma ideia. Havia Missa todos os dias, então pensamos em agradar às freiras. A gente era obrigada a acordar cedinho e assistíamos à Missa das seis e meia, para ficarmos bem vistas como excelentes católicas praticantes, piedosas, e então ganhar mais alimento, pelo menos no café da manhã. Foi bem divertido embora não tenhamos aguentado acordar tão cedo durante muito tempo!

Depois, houve o rompimento com Magdalena Tagliaferro que, infelizmente, foi forçoso, pois eu não aguentava mais. Eu fiquei sabendo de um professor maravilhoso, um professor russo que residia lá em Paris há muito tempo, que era o professor Pierre Kostanoff. Eu tive com ele umas poucas aulas, infelizmente, umas dez ou doze porque ele já era velhinho, ficou doente e veio até a falecer. Eu me lembro que no primeiro dia de aula – ele dava aula para uma artista e pianista muito importante de lá, de quem infelizmente não me lembro o nome, que estava tocando o *Carnaval*, de Schumann e eu já fiquei um pouco decepcionada porque ele sendo russo tinha aquele mau gosto incrível e eu fiquei assustada com todos aqueles “rubatos” que ele cobrava da pianista. Eu já sabia fazer a média e aproveitei dele realmente a parte técnica. Se eu tenho hoje oitavas tão boas – o que eu tenho de melhor são oitavas – eu devo a todo esse estudo que eu fiz com ele. Era um estudo muito puxado, porque ele exigia demais de uma semana para a outra, como, por exemplo, uma sonata de Beethoven, um pequeno programinha de recital. Eu estudava mais que o bastante e dava conta. Foi tudo muito proveitoso. Depois que ele faleceu, eu fiquei um pouco à deriva e, mais uma vez, a Lúcia me influenciando: ela estudava então com Pierre Sancan, também ex-aluno de Yves Nat, que era um excelente músico, um excelente pianista e muito bom compositor. Eu tive algumas aulas com ele, mas não consegui continuar porque eram aulas muito caras e, também, porque ele era muito mulherengo e fiquei com medo. Eu era muito mocinha e muito boboca e muita coisa podia acontecer, por isso, eu achei melhor cair fora.

A partir daí tive uma aula com Lazare Lévy, que era um famoso professor de Paris naquela época; também fiquei sabendo sobre a existência de uma pianista e professora excelente, Christianne Sénart, filha daquele famoso editor de músicas, Maurice Sénart. Ela foi fantástica. Como pessoa, ela tinha um temperamento de cão. Ela era difícil, muito difícil, mas a gente se entrosou e eu aproveitei demais, sendo uma pena eu ter que voltar para o Brasil porque já não tinha mais condições de continuar. Eu estava com pouco dinheiro e já passava por certa privação. Mais uma vez eu tive a influência da Lúcia na minha vida, porque justo naqueles meses ela tinha recebido um livro muito bom do seu professor daqui do Brasil, que era o professor Guilherme Fontainha. Esse livro era o “O Ensino do Piano”; comecei a lê-lo e fiquei tão entusiasmada que já comecei a pensar que, agora indo para o Brasil, iria estudar com ele, pois morava aqui no Rio. Para mim não existe a palavra “impossível”, pois quando eu quero, dou um jeito. Eu pensei: talvez pudesse ir, nem que fosse umas duas vezes por mês para o Rio, mas eu iria. Eu tive tanta sorte que, chegando a São Paulo, o maestro Eleazar de Carvalho havia fundado a Academia Paulista de Música e tinha

convidado os melhores professores do Brasil para darem aulas lá, inclusive o professor Guilherme Fontainha.

No dia 26 de fevereiro de 1959, tive a primeira aula com ele. Eu me lembro que ele disse que só tinha que cortar as amarras. Então, todo aquele problema da Escola Tagliaferro – aqueles movimentos todos, gestos para cá, gestos para lá – me atrapalhavam tanto que no fim a música ficava em último lugar; eis porque o professor Fontainha dizia que eu estava amarrada. O ensino com ele foi maravilhoso. Ele dizia para eu cantar tal frase e, então, eu cantava mesmo sem voz e depois ele pedia para eu traduzir aquilo para o piano, tocando. Então, já saía melhor. Ele pedia para eu fazer de novo e para eu analisar quais os gestos que eu havia feito para chegar àquele fraseado. Era o inverso, porque o gesto era uma consequência. Foi ótimo e eu aproveitei demais; houve um grande desenvolvimento e em pouco tempo eu estava tocando a *Sonata*, de Liszt que ele pediu de uma semana para a outra, mesmo sendo uma obra difícilíssima e muito complexa, mas que eu estudei em uma semana. O pior de tudo é que ele não acreditou. Ele pensou que eu estivesse mentindo, mas realmente estudei, tenho boa memória, decorei em uma semana.

Em São Paulo, aconteceu de eu querer participar de um concurso, apesar de eu sempre ter sido avessa a concurso, pois meu temperamento não é para competir com os outros, mas eu resolvi entrar num concurso da Rádio Gazeta. Esse concurso consistia em, semanalmente, num programa da rádio, apresentar um pianista que era candidato. Foram vários meses e a cada semana um candidato era eliminado ou não, e depois veio a semifinal e a final. Eu estava muito segura de que fosse ganhar, mas não ganhei nada. Houve, somente, um prêmio e quem ganhou foi a pianista Ilza Antunes e não houve segundo lugar, nem terceiro. Eu fiquei tão revoltada que apesar de estar com o namorado do lado, eu manifestei vontade de ir lá e dizer alguma coisa, pois eu estava revoltadíssima com tudo aquilo, mas esse namorado disse que se eu desse um escândalo ele me largaria. Então me largue, lhe disse, e subi a escadaria da Rádio Gazeta, indo até o local onde estaria ainda o júri. Disse uns impropérios para todos eles da banca, que era constituída por Francisco Mignone, Souza Lima, Maestro Bellardi, Eunice Catunda, Ciro Brizolla, enfim, a nata da música naquele época, mas não dava para aguentar. Eu não me arrependo porque tudo é válido. Passado algum tempo, o professor Fontainha me contou que houve um complô de todos os maestros de São Paulo para que ninguém mais me regesse. Estava presente o maestro Camargo Guarnieri que disse que sentia muito, mas que não ia entrar naquela, porque até havia sentido vontade de me conhecer, vendo que eu era uma pessoa de personalidade, enfim queria me ouvir tocar. Depois, ele teria falado ao professor Fontainha – que era muito amigo dele – que me mandasse estudar um concerto para ir tocar para ele, e então se eu fosse realmente uma boa pianista, com talento, ele iria me ajudar. E assim foi. Eu muito espertamente estudei o *Concerto n°2* dele mesmo, fui lá, toquei e ele gostou muito. Depois surgiu um concerto em São Paulo e foi o meu reaparecimento como solista de orquestra. Depois de uns dois anos, e com o tempo, tudo foi se apagando. Isso aconteceu no fim de 1959 e quando foi no fim de 1962, houve um grande congresso em Guarapari, no Espírito Santo, um Congresso de Compositores – e o Osvaldo até nem foi porque ele tinha acabado de ir para os Estados Unidos; então, eu participei apresentando um recital, somente com jovens compositores paulistas que faziam parte da classe de Camargo Guarnieri. Estava presente lá o grande compositor Francisco Mignone que estava muito chocado ainda pelo recente falecimento da sua esposa. Inclusive, o congresso havia sido adiado por causa

desse falecimento; eu me lembro de que ele me cumprimentou muito. Foi a minha apresentação a ele. Eu lhe pedi um autógrafo e ele escreveu uma dedicatória muito bonita na partitura da *Congada*. Depois, houve um jantar lá no hotel onde todo mundo estava, e quando acabou todos se recolheram. Subimos no mesmo elevador. Ele começou a olhar para mim e a dizer que me conhecia de algum lugar – claro que era daquele concurso da Rádio Gazeta! Estava presente, também, o grande amigo Mozart de Araújo e ele me olhava com aquela vontade de rir porque sabia de toda aquela historinha e eu dizia que não sabia de onde ele me conhecia, mas ele pensou que talvez fosse de Campinas. Eu disse que não, mas que ele devia estar me confundindo com a Daisy de Lucca e graças a Deus chegou o meu andar! Tudo isso foi bem desagradável porque ele já estava começando a reconhecer quem eu era.

Depois veio a época de gravar o primeiro LP, que foi justamente o *Concerto n°2*, de Camargo Guarnieri, com a Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a regência do autor. Foi uma gravação feita no dia 3 de dezembro de 1960, na Rádio MEC e cujo LP foi editado pela Casa Ricordi. Depois surgiram vários outros. Eu sempre tive sorte com disco e, inclusive, em 1963 houve o centenário de Ernesto Nazareth quando o Prof. Mozart de Araújo me avisou que estava havendo um concurso de gravações sobre Nazareth e que eu procurasse uma gravadora que se dispusesse a gravar aquele autor, exatamente de acordo com a partitura. Até então, só tinham acontecido gravações de arranjos, aliás, maravilhosos, de Radamés Gnattali, de Carolina Cardoso de Menezes, enfim, porém uma gravação autêntica, de acordo com a partitura, até aquele instante não havia.

Eu fui apresentada ao diretor da gravadora Chantecler, o Sr. Brás Baccarin, e fechamos o contrato na hora. Ele adorou a ideia e eu gravei o primeiro LP com Ernesto Nazareth que ele intitulou de “Ouro sobre azul”; nunca um compositor me deu tanta sorte como Ernesto Nazareth; na época, foi um escândalo e vários colegas pianistas começaram a me pichar e a fazer pouco caso de mim, dizendo que eu estava decaindo, achavam um escândalo eu tocar Ernesto Nazareth, que era considerado compositor mais popular do que clássico. Eu não estava nem aí, gostava da música e a difundi, toquei muito, inclusive toquei no Rio de Janeiro, no Theatro Municipal, na entrega de um prêmio que eu ganhei por esse disco. Houve, também, um segundo disco de Nazareth. Naquela época, para gravar, eu tive a participação, vários conselhos e várias informações de pessoas que conheceram Nazareth, como o próprio Fontainha, Camargo Guarnieri, Mozart de Araújo e aquele crítico Andrade Muricy, do “Jornal do Comércio”, daqui do Rio. Cada um me passou uma informação diferente, o que foi me enriquecendo ao entrar naquele mundo novo. Quando chegou a época do CD é que me foi mais difícil gravar, porque eu já estava muito acostumada a sempre gravar para gravadoras. Eu era sempre convidada e de repente com o CD, só seria possível fazendo disco independente. Eu realmente não estava a fim de gastar e para quem estava acostumada a pertencer a uma gravadora, fazer uma gravação independente seria até humilhante; por isso demorei muito a ter meu primeiro CD, que só saiu em 1995, o “Este Brasil que tanto amo!”, pelas Edições Paulinas. No ano passado foi o lançamento do primeiro DVD, o “Convite à Música”.

Em 1963, como acontece com todos os jovens, eu era comunista e queria ir para a Rússia, embora meu pai falasse que isso seria um absurdo; e me questionava se eu seria capaz de dividir tudo que eu tinha com outra pessoa, coisas que eu conquistei com o meu trabalho. Eu dizia que não e ele dizia que eu era uma oportunista e não comunista. Eu, na verdade, queria ir para a Rússia porque

os artistas de lá eram pagos para estudar. Eu já estava com toda a papelada pronta, mas vindo a Revolução, em 1964, acabei não indo, embora tenha ficado apavorada que pudesse ainda sobrar alguma coisa contra mim. O tempo passou e quem cuidava de tudo para a minha ida à Rússia era o maestro Eduardo De Guarnieri. Ele era comunista ferrenho e ligado à Casa de Cultura Brasil-Rússia. Eu deixei o tempo passar e um belo dia quando fui tocar com ele perguntei no que dera aquela história da minha bolsa e ele contou que na véspera do dia em que a Polícia foi lá, eles haviam queimado toda a papelada e isso, claro, foi a minha sorte. Eu era tão comunista que, de uma hora para outra, resolvi ir para os Estados Unidos e fazer uma carreira lá; comecei então a tratar de uma bolsa pela OEA, mas que não estava dando certo porque era muito complicado com a documentação, a parte burocrática. Eu iria estudar com o pianista Eugene List. Naquela época, eu era aluna de Osvaldo Lacerda que estava para ir para os Estados Unidos; ele me perguntou se eu queria alguma coisa de lá. Eu disse que estava pleiteando uma bolsa da OEA, mas que estava muito complicado, contudo, de qualquer forma, eu queria ir para lá. Então, devido a essa intermediação de Osvaldo, algum tempo depois, veio o convite do professor dele, o compositor Vittorio Gianinni, que estava abrindo a primeira escola de artes patrocinada pelo governo e, propôs que eu mandasse todos os meus LPs para julgamento, do que resultou o convite para lecionar lá, na “North Carolina School of Arts”. Fui sem falar muito inglês, mas com grande espírito aventureiro, como sempre.

Eu tive uma professora maravilhosa, a grande pianista Olegna Fuschi, juntamente com seu marido, também maravilhoso pianista, Howard Aibel, que também era muito bom como professor. Depois de algum tempo, ela me encaminhou para um empresário, tendo feito meu “début” em New York, no Town Hall, em 1967. Meu quartel general, entretanto, era em Winston-Salem, uma cidadezinha bem pequena, sem nada para fazer. Para quem estava vindo de um centro como São Paulo, aquilo era horrível, mas para morar em New York a vida era muito cara e eu não tinha bolsa nenhuma. Então, depois de dois anos resolvi voltar para o Brasil - nessa época o diretor não era mais Vittorio Gianinni, que faleceu, e sim, Dr. Louis Meninni. Ele pediu que eu ficasse lá, mas fui categórica e não quis ficar de jeito nenhum, porque parecia que eu estava vivendo numa gaiola aprisionada, não havia diversão nenhuma, sem família, muita nostalgia e então vim embora. Nessa volta para o Brasil, consegui do Itamaraty alguns concertos em Washington e depois na América Central, em Tegucigalpa – fui muito bem lá, tive críticas ótimas –, Colômbia e, também, Panamá e Quito. Foi minha primeira turnê internacional. É preciso que eu diga, ainda, que nos Estados Unidos, alguns meses antes, naquele mesmo ano, eu havia sido vitoriosa num concurso para ser solista da “North Carolina Symphony” e ganhei o primeiro prêmio, por unanimidade, tocando a *Rapsódia sobre um tema de Paganini*, de Rachmaninoff. Eu excursionei com aquela orquestra por oito ou nove cidades. Lá nos Estados Unidos os pianistas têm a mania de tocar excessivamente rápido, então o maestro sempre dizia *faster, faster*, porque tudo tinha que ser altamente rápido, embora eu não estivesse muito de acordo, mas tive que entrar na dele.

Voltando para o Brasil, já comecei a dar concertos aqui e depois resolvi fazer uma nova investida em uma carreira internacional e quis ir para a Alemanha. Eu já tinha meios econômicos próprios para poder me financiar. Fui para a Alemanha, com a cara e a coragem, sem falar alemão. Lá é tudo proibido, há muita rigidez. Meu estudo estava muito complicado porque eu não tinha um local fixo para estudar. Eu caminhava daqui para ali, tinha o horário da sesta, depois vinha o jantar,

enfim, eu estava com a vida muito sacrificada. Apesar de já ter alguns concertos marcados eu larguei tudo de uma hora para a outra, me deu a louca e eu disse que não aguentava mais. Eu disse: - chega de carreira internacional, primeiro, o meu bem estar. O meu lema sempre foi que eu estou na vida é para ser feliz e se tem alguma coisa que me incomoda tenho que arrumar um jeito de cair fora e procurar outros meios. Eu voltei para o Brasil e aqui, então, comecei a dar vários concertos, não muitos, mas até que era agradável. Eu lembro que minha segunda turnê internacional aconteceu em 1975, por um convite daquele grande pianista, infelizmente falecido, Paulo Afonso de Moura Ferreira, lá de Brasília, pelo Itamaraty. Era uma turnê grande, de uns dez ou doze concertos, com dois programas diferentes, somente de músicas brasileiras e ele tinha me mandado as músicas no último instante para decorar e tocar. Naquela época, eu lecionava no Conservatório de Tatuí – era o meu ganha-pão fixo – e eu fui pedir uma licença para o Diretor que me negou. Ele disse que eu estava viajando muito e perguntou como ficariam os alunos. Disse-lhe que iria arrumar um substituto, mas ele insistiu que eu não iria. Então, tive uma ideia e como a licença médica sairia pela Secretaria de Saúde de São Paulo, para lá me dirigi, à Avenida São Luiz. Cheguei lá e a sala estava repleta de gente. Eu tinha uma entrevista logo mais no Estadão e estava meio apreensiva, pois não queria me atrasar. Eu fiquei lá esperando, esperando e todo mundo conversando, quando aí uma pessoa disse: - e pensar que lá em cima na Psiquiatria, não tem ninguém. Para quê?! Fui então saindo, peguei o elevador e comecei a dar uma de louca lá na sala de espera da psiquiatra, enfim, fiz aquele teatro até que a enfermeira abriu a porta devido àquela gritaria; disse-me que eu podia já entrar; a psiquiatra perguntou se o meu nome era Eudóxia, pediu para eu me sentar e me acalmar. Ela falou meio irônica que tinha todos os meus LPs e que me admirava muito. Então, a minha cara caiu e eu comecei a ficar meio sem graça, sobretudo, quando ela me disse que uma pessoa que tocava como eu, não poderia estar tão louca assim. Ela pediu que eu dissesse o que na verdade estava querendo. Eu falei o que estava acontecendo e ela me perguntou se eu queria uma licença de dois meses. Eu disse que não, não precisava tanto, bastava um mês, que estava tudo bem, porque em três semanas e meia eu liquidaria a turnê; ela insistiu nos dois meses para emendar com as férias e assim foi. Eu fiz a turnê que foi bastante enriquecedora e muito agradável. Depois, fiquei sabendo por uma aluna que o professor Coelho, que era o Diretor de lá, quando viu no Diário Oficial ficou extremamente bravo dizendo que eu era danada por ter conseguido a licença e que não sabia como eu havia conseguido. Depois não houve mais condições de continuar no Conservatório e eu pedi demissão, e só apareci para dar uma satisfação, naturalmente, mas saí de lá. Eu, também, lecionei em vários Conservatórios do interior, de Presidente Prudente, de Franca e a vida do artista, todo mundo sabe, é uma vida muito sacrificada, é uma luta constante pela sobrevivência. Eu me esqueci de dizer que lá nos Estados Unidos eu toquei com a “Cleveland Philarmonic Symphony” e que foi um concerto que Camargo Guarnieri me arrumou para tocar, sob a regência de José Serebrier, regente uruguaio, radicado nos Estados Unidos. Toquei o *Concerto n°2*, de Guarnieri, e tive críticas muito boas, muito favoráveis.

Em 1976, surgiu um radialista, Túlio de Lemos, me convidando a participar de um programa que se chamaria “Oito ou Oitocentos” para responder sobre a vida de Ernesto Nazareth e eu, então, aceitei de pronto, embora sem saber exatamente do que se tratava. Eram perguntas e respostas e o que contava era a parte de memória. Houve lances engraçados naquela época, como por exemplo, numa certa vez foi feita uma pergunta relativa a Catulo da Paixão Cearense e eu fui categórica dizendo que aquilo não fazia parte da bibliografia que eu havia apresentado. Paulo Gracindo, que

era o entrevistador, foi obrigado a pedir um intervalo para fazer uma conferência dos itens. Quando ele voltou, fez um escândalo dizendo que eu tinha razão e pediu palmas. E aí eu fiz questão de responder a todas as perguntas, visto que só houvera uma pergunta que, aliás, deu todo esse problema. Então, disse que fazia questão de tirar outro canudo. Eram três canudos, a gente escolhia um e a Sílvia Bandeira abria o canudo escolhido, tirando as perguntas. Eu havia sabido, porque sempre há aquelas fofquinhas nos bastidores, que as perguntas eram sempre as mesmas, então eu fiz meio de sacanagem, dizendo que fazia questão de tirar mais um canudo. O Paulo Gracindo ficou tão preocupado, com tanto medo, que sugeriu chamar o próximo candidato e assim foi. Infelizmente, não deu certo esse programa. Eu ia ganhar uma nota preta. A pergunta que me derrubou foi: dentro de uma série de 140 nomes de músicas de Ernesto Nazareth que constavam de um livro, quais eram os nomes de músicas com nome de mulher? Eu havia estudado tudo, mas nunca havia me passado pela cabeça a possibilidade de uma pergunta assim. Aí eu disse que sabia tudo de cor e então eu ia seguindo a página do livro, pois tenho muita memória visual e assim que fossem surgindo os nomes de mulher, eu ia falando e assim foi. Eu dizia: Dirce... Noemia, Orminda e de repente ele disse: - “Para! Ela não sabe”. Na verdade, no livro, estava tudo classificado por gêneros, os tangos, as valsas, etc. Ainda não havia chegado nas mazurcas e havia uma mazurca chamada Mercedes que foi a que me derrubou. Eu fiquei louca porque cortaram meu microfone, não me deram possibilidade de defesa; Paulo Gracindo somente tinha a relação dos nomes por ordem alfabética e quando ele viu que eu tinha pulado a letra “m” porque eu falei Noemia, ele me fez cair. Aquilo foi horrível, foi injustiça e um mal entendido. O que mais me atrapalhou foi quando eu cheguei a São Paulo, no dia seguinte, e havia mil recados daquela empresária Sula Jaffé, que queria trabalhar comigo. Ela me telefonou dizendo que eu aguentasse e recebesse todos os jornalistas que ela mandasse, e em suma, que eu “botasse a boca no trombone”. Do jeito que eu estava, tão abalada com tudo aquilo, me sentindo tão injustiçada, comecei a falar todos os podres do programa e eu me arrependo muito de ter feito isso. Eu deveria ter sido um pouco mais comedida, porque, de uma forma ou de outra, eu devo muito à TV Globo, que todos sabem é o melhor veículo de televisão. Se hoje eu toco tanto pelo Brasil afóra é porque meu nome ficou marcado por causa daquele programa. Até hoje eu ainda colho dividendos daquele programa. É bem verdade que, também, o meu nome influi porque enquanto existem milhões de outros nomes repetidos, o meu nome é diferente, embora eu não goste, mas é fato que não existe outra pianista com esse nome e isso também ajuda.

Finalmente, tanto eu falei naquela semana em jornais, tantos depoimentos que no fim da semana, Wilson Rezende, um dos diretores do programa me telefonou, perguntando o que eu queria para calar a boca. Eu disse que queria voltar ao programa porque tinha sido injustiçada e eu contei tudo o que tinha acontecido, mas que não me deixaram voltar. Ele completou dizendo que o que eu estava contando não coincidia com o que a minha empresária – que estava ao seu lado – disse que eu queria. Ela disse que eu queria uma turnê em todas as capitais brasileiras ganhando uma quantia estapafúrdia; rebati, eu absolutamente não havia dito nada daquilo. Ela me jogou no fogo para ganhar a sua porcentagem. Nós nos desentendemos e a partir daí eu preferi fazer tudo sozinha porque já fui muito lesada por empresário.

Houve uma fase em que eu quis, novamente, investir em carreira internacional. Estive em Paris algumas vezes, consegui um empresário lá, Monsieur Dandelot; nessas andanças, tive a

oportunidade de conhecer Madame Milhaud, viúva do compositor Darius Milhaud, e quando tive a oportunidade de tomar um lanche com ela perguntei se era verdade mesmo aquilo que eu tinha sabido: que ela era uma pessoa tão eficiente, tão maravilhosa para o marido – ele era deficiente físico e usava cadeiras de rodas – que ele a chamava de **Mesdeleine**, em vez de **Madeleine**. Toquei duas vezes na famosa Salle Gaveau, tendo ela comparecido aos dois concertos, acompanhada pela filha de Paul Claudel. A suíte *Saudades do Brasil*, de Milhaud, fazia parte do programa nos dois eventos.

Depois, houve o grande acontecimento da minha vida, porque não havia meio de eu casar por causa do problema do piano. Mas em três meses nós namoramos e casamos e eu tenho certeza de que no dia do casamento, todos os parentes lá em casa deviam estar pensando que eu estava grávida porque o casamento foi muito de repente, porém, naquela idade, 44 anos, não havia muito o que esperar neste sentido.

O meu casamento foi um grande acontecimento na minha vida, inclusive para me tirar de toda aquela instabilidade emocional em que vivia. Eu tive que abdicar um pouco de toda essa carreira internacional porque eu já ia emendando janeiro e fevereiro, ia para a França, de lá seguia para outros países como Inglaterra e Suíça, e enfim estava emendando uma temporada na outra não tendo mais férias. Então, casando com o Osvaldo, a nossa combinação foi esta: janeiro e fevereiro eu sou a esposa e nos outros meses, eu sou a artista, ele me permitindo viajar, e me dando totalmente aquele apoio de que eu precisava. Além do mais, tenho o prazer de tocar sempre os meus programas para ele e os seus conselhos são maravilhosos, sempre com aquele enfoque maior na parte da sonoridade, me fazendo, com isso, progredir bastante.

Eu sei que é deselegante uma mulher casada ficar falando, inclusive, na frente de seu marido, de namorados antigos, mas eu vou ser obrigada a falar aqui de um; era judeu romeno com quem eu estava a fim de casar mesmo e já me enfronzava na religião dos judeus para me tornar uma deles. Isso foi no fim da década de setenta e, apenas, não havia meios de dar certo porque tínhamos brigas homéricas sempre por causa do piano. Ele queria que, se surgisse uma viagem de fim de semana e eu tivesse um concerto na segunda-feira, por exemplo, eu viajasse com ele e não ficasse ao piano estudando. Era uma coisa totalmente absurda, pois a gente não tem dia nem hora, porque ao ter um compromisso profissional, temos que dar conta. No final, ele não tinha mais argumento para me fazer desistir do meu ‘fanatismo’, como ele dizia, e então começou a tentar me fazer ver que eu não era uma concertista porque: -“que concertista era essa que dava só dez concertos por ano?” e dizia que eu era mais professora de piano. Naquela época, depois que participei do programa na TV Globo, comecei a ter muitos alunos. Eu tinha vinte horas semanais e ganhava mais, realmente, como professora de piano. Depois, com o tempo, depois de tudo acabado, eu comecei a pensar que ele tinha razão, pois realmente não sou concertista porque eu toco muito pouco, ainda. Então eu comecei a “dar tratos à bola”, como se diz, para ver como eu poderia incrementar e desenvolver mais a minha carreira; foi quando me veio a ideia de que todos aqueles concertos que eu vinha realizando eram coordenados por Secretarias de Cultura; então, por que não procurar todas as Secretarias de Cultura do Brasil, de todas as capitais? Comecei aí aquele processo de telefonar, saber o endereço e mandar correspondência. Foi aí que abri um leque de concertos para mim, chegando a fazer cinquenta concertos por ano e, às vezes, até mais eu poderia

fazer, e só não fazia por não ter mais data na agenda. Naquela época eu era muito comodista e sempre queria fazer um programa novo por ano. Eu mantinha no primeiro semestre aulas regulares e ao mesmo tempo já fazia o programa novo. No segundo semestre eu excursionava, não cuidando mais dos alunos, o que era péssimo para eles. Chegava num determinado momento em que não havia mais data para mais concerto naquele ano.

Hoje em dia eu toco menos, talvez não chegue a fazer mais cinquenta concertos porque essas Secretarias de Cultura não querem mais trabalhar, elas preferem o trabalho já pronto, que venha da parte de um produtor cultural. Está bastante complicado. O dinheiro da Prefeitura é encaminhado para shows de músicas sertanejas, principalmente. Eu sou obrigada a dizer, embora eu seja apolítica, que odeio o PT porque eles é que foram os destruidores da nossa cultura aqui. Os Secretários de Cultura, em geral, não entendem nada. Não sabem o que é um recital e não nos convidam mais, de jeito nenhum. Como as prefeituras do PT são as que mais existem hoje em dia, então esse mercado, com Secretarias de Cultura, já está se fechando. Hoje em dia eu também sou obrigada a entrar nessa de procurar produtor cultural e, sobretudo, graças a Deus, existem os Sescs e os Sesis da vida que dão muito apoio aos artistas, e isso é muito bom para nós.

Houve uma passagem em minha vida em que eu participei daquela sala TAM, quando o Comandante Rolim me dava muitas passagens de cortesia; então, por gratidão, eu propus fazer uma permuta, embora não tenha aguentado durante muito tempo porque era muito humilhante. Ele pedia para eu tocar mais baixo e eu achava aquilo horrível e não aguentei mais. Houve, também, outra fase em minha vida em que eu participei durante onze anos acompanhando um cantor de São Paulo, o Sérgio Rovito, que fazia um gênero de música bastante diferente como, por exemplo, ele escolhia um programa de Café Concerto – ele era divertidíssimo, pulava, dançava, conversava com o público, era muito cômico – e eu me divertia muito participando desses espetáculos. Havia, também, uma série de concertos, com programa de músicas caipiras. Foi uma lástima que, em 1993, ele faleceu de aids, aos quarenta e nove anos.

É muito comum me perguntarem o que eu gosto mais de tocar: recital ou tocar com orquestra? Eu sempre estou pronta a responder que prefiro tocar recital. Ali eu sou senhora de tudo, ou seja, eu comando tudo e não fico na dependência dos maestros nem das orquestras. Por que isso? Porque já toquei com inúmeros maestros, muito bons, mas sempre me queixei dessa falta de apuro em ensaiar com solista e até certo pouco caso com o solista, haja vista que é muito raro eles permitirem que a gente encerre o programa, quer dizer, os louros todos têm de ser para eles. Aliás, nessa parte, eu acho que está bastante justo. Eu imaginava como seria bom se esses maestros ensaiassem com o solista diretamente e quando chegasse na hora da orquestra estaria tudo pronto, tudo combinado. É uma pena isso não existir. Cada vez que surgia um concerto com orquestra claro que eu não dizia “não” e além do mais o repertório pianístico para piano e orquestra é belíssimo! Qual é o pianista que não quer tocar um concerto de Chopin, Tchaikovsky, mas ia sempre de pé atrás.

Em 2003, o meu amigo Roberto Tibiriçá, que dirigia a orquestra da Petrobrás, me convidou para um concerto no qual ele queria homenagear três pessoas da velha guarda: eu, que já estava velhinha, naquela época, tinha 66 anos, o Osvaldo Lacerda, que é dez anos mais velho que eu, e o

maestro Henrique Morelenbaum, que me honra muito com sua presença, hoje, aqui – muito obrigada. Eu fiquei eufórica porque meu sonho era tocar com ele algum dia. Eu já o tinha ouvido reger, lá em São Paulo. Eu sempre via algo de diferente nele, tudo soava com tanta clareza, tão musical, com tanta comunicação. Eu tocava com ele em 8 de novembro daquele ano e já quando foi em julho e eu lhe telefonei, ele já tinha até comprado a partitura aqui na Academia e já a estava estudando. Ele falou que ia para São Paulo em fins de setembro e já gostaria de me ouvir tocar. Ele esteve em minha casa e eu tinha dado um repasse geral na música, que era *Cromos para piano e orquestra*, de Osvaldo Lacerda. Quando cheguei aqui no Rio foi um trabalho maravilhoso e aquilo que eu sonhava tanto que deveria existir, existia com ele. Foi o melhor maestro com quem eu já toquei em toda a minha vida e isso falo abertamente, embora alguns maestros possam se ofender com isso, mas gosto da verdade. Eu acredito que quase todos os solistas não tenham ainda se dado conta disso. Outro dia, conversando com uma amiga pianista lá de Brasília e que já havia tocado com ele, eu comentei isso e ela disse que era verdade e que, pensando bem, ele também havia sido o melhor maestro com quem ela tocou. Para mim é um problema tão grande tocar com orquestra que foi uma coisa muito marcante na minha vida ser regida por ele. Eu fiquei tão impressionada com a sua maneira de trabalhar que eu resolvi que seria bom se ele pudesse ouvir os meus programas todo ano, ouvir as músicas – não piano e orquestra, mas somente piano, porque o que interessa é tocar para um grande músico, como faço com o Osvaldo – e então pedi a ele por e-mail, ele disse que tudo bem, desde que eu morasse no Rio ou, então, se ele morasse em São Paulo. Eu respondi que para mim não existe a palavra “impossível” e fiquei sem resposta durante muito tempo. Ele não costuma responder duas vezes e sim uma vez só.

Passou um ano e meio e nós nos encontramos no Rio, por acaso, e eu cobrei aquelas aulas e ele me disse que ele não era professor de piano. Eu disse que ninguém estava pedindo aulas de professor de piano, mas que eu queria tocar para um grande músico. Enfim, eu consegui, depois de muita luta – tive de ser insistente demais – ele aceitou e, então, não tão regularmente, mas sempre que eu posso vir para o Rio, costumo tocar peças do meu programa para ele. É outro enfoque, diferente do de Osvaldo, então eu fico muito bem servida. Na minha casa tenho Osvaldo para me ouvir e, vez ou outra, aqui no Rio, o maestro Morelenbaum que tem a maior paciência, tomando o seu tempo precioso, me dedica, pelo menos, duas horas de aula que ele nem gosta que chame de aula e sim de encontros musicais. É uma pena eu nunca mais ter tocado com ele, embora um dos meus sonhos seja a gravação dessa peça do Osvaldo, os “Cromos”, que eu tocara com ele; é uma bela peça, originalíssima, para piano e orquestra, que eu gostaria demais de gravar, mas teria de ser com ele. Uma observação minha, é que fico lamentando e achando uma incoerência tão grande das entidades musicais que não o convidam mais – não sei se é verdade, mas não tenho visto mais com tanta assiduidade a presença de Henrique Morelenbaum nas orquestras do Brasil. Ele reger em São Paulo, no ano passado, mas, infelizmente, não foi comigo, mas com uma pianista daqui do Rio. Eu adoraria e desejo de coração que isso volte a acontecer, que ele seja mais prestigiado, como realmente merece.

O que é interessante nessa carreira são as várias amizades que a gente faz e que perduram o resto da vida, em cada local que a gente vai como, por exemplo, eu devo o meu ingresso no Recife àquela grande pianista Elyanna Caldas – somos muito amigas – depois em Maceió, com a Selma Britto. Havia, também, ex-alunos como Roberto Scárdua, cuja família é dona de uma rede de

faculdades, então ele consegue, anualmente, concertos em Mogi-Mirim, Mogi Guaçu e, ultimamente, em Piracicaba. Tenho uma ex-aluna, a Rosângela Pacciello Pupo, que quando morava em Chicago, me conseguiu um concerto lá; enfim, são pessoas devotadas, muito solícitas em querer me ajudar e eu agradeço muito. Em Aracaju, há a Maria Olga Andrade, que é a Presidente da Sofise, enfim, são pessoas muito queridas e que têm me ajudado muito.

Acho que os artistas todos são muito supersticiosos – não todos, mas a maior parte - e eu também sou supersticiosa, então, eu digo que essas sonatas que têm marcha fúnebre ou qualquer coisa relacionada com a morte, eu não toco mais. Por quê ?

Em 1976, eu tocava aquela peça que é tão bonita e que eu adoro, *Funerais*, de Liszt, e meu pai faleceu. Depois, em 1993, eu tocava a *Sonata op. 35*, de Chopin, a da Marcha Fúnebre, e a minha mãe faleceu, Camargo Guarnieri faleceu, o Sérgio Rovito faleceu, todos nesse ano. Em 1995, tocava aquela sonata de Beethoven que tem a Marcha Fúnebre e eu perdi um gato muito querido, o Docinho de Coco, que foi sequestrado, enfim, essa é outra história, e eu sofri barbaramente com tudo isso. Diante disso, embora querendo muito recordar essas músicas, é impossível não ser supersticiosa nesse momento. Outra coisa curiosa é que quando faço programas, em geral um programa novo por ano, são sempre quase músicas que eu recordo do passado e que acabam saindo muito melhores hoje em dia. É quase certo que se eu for contar o número das peças que eu coloquei, dá sempre o número treze, são sempre treze músicas, e é engraçado isso.

Os meus planos para o futuro são: eu gostaria muito que os meus LPs – eu tenho muita música gravada, verdadeiros documentários de uma época, de compositores importantes – fossem transformados em CDs. Houve uma proposta, recente, da “Biscoito Fino”, mas depois de tantas tratativas, deu tudo errado. Esse é um plano meu, mas não sei se vou chegar a realizá-lo. Eu gostaria tanto de gravar os *12 Estudos* do Osvaldo! Também os *Cromos* dele, para piano e orquestra, porém precisa ser com o maestro Morelenbaum, e se não for com ele, não precisa. Esse é um plano meu.

Chegamos ao fim, agradeço muito a presença de vocês e estou disposta a responder a qualquer pergunta. Esse foi um depoimento de uma pianista como todas as outras, que teve uma vida de muito sacrifício e muita dedicação à música, principalmente, à música brasileira. É uma vida muito dura, mas valeu a pena o sacrifício que fiz. Nunca tive uma estabilidade econômica, sempre lutando, mas isso até que é bom porque me obriga a nunca ficar doente, graças a Deus – eu tenho uma saúde incrível –, mas, talvez, se eu fosse rica, talvez eu fosse um pouquinho mais frouxa. Eu espero que esse amor, essa paixão pela música que eu tenho, essa chama que está sempre ardendo dentro de mim perdue até o resto da minha vida e, também, essa parte sonhadora, porque é tão bonito e tão bom, até essa idade, estar sempre sonhando e desejando coisas! Muito obrigada!